MPF
mocidade
portuguesa
feminina

SUMÁRIO

N.º 16

AGOSTO 1940

Obra das Mãis pela Educação Nacional

«MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA»

BOLETIM MENSAL

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina, Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8. — Telefone 4 6134 — Editora: Maria Joana Mendes Leal — Arranjo gráfico gravura e impressão de Neogravura, Ltd.ª, Travessa da Oliveira, à Estrêla, n.ºs 4 a 10 — Lisboa

Assinatura ao ano 12$00 Preço avulso 1$00

CANÇÃO DA VIDA

Viva a alegria!... e haverá quem se espante que nestes nossos dias ainda seja preciso gritar: *viva a alegria!...*

É que há alegria e... alegria.

Alegria, afinal, só há uma: a que anda no rosto e nos olhos e na boca, mas nasce *dentro* de nós mesmos — a que é filha da paz interior, da ordem e da harmonia das consciências.

Só há uma alegria: **Deus em nós**.

* * *

Já li algures êste conceito:

Quando me dizem: a vida é má.
O éco responde-me: «Canta»!

Cantar, saber rir e cantar — poder cantar e rir — é a melhor das felicidades.

Muita gente de agora queixa-se aos quatro ventos do mundo que é infeliz... Melhor seria dizer: por entre as agruras da vida e tristezas que ela tem e lágrimas que faz chorar (e desde quási que o mundo é mundo, sempre assim foi) perdemos a alegria, esquecemos aquela arte divina de rir e cantar...

Infelicidade, não...

Sempre assim foi — sempre assim será: *«sete cordas tem a lira da vida; seis são para chorar e só uma para cantar»*.

Haja então quem viva na alegria — em muita alegria: quem seja dentro de si uma fonte de alegria e depois a semeie á sua volta.

Faltam-nos semeadores de bom rir e de alegria sã.

Talvez porque há tanto quem não tenha Deus consigo...

Que cada filiada da M. P. F. seja uma nascente puríssima de cândida e viril alegria, da tal que estala franca nas faces e acorda os écos longinquos em gargalhadas cheias de saúde de alma...

— que por onde uma filiada passe, fique o mundo melhor, porque ela deixou lá «o bom odôr» da virtude que é a mãi da alegria.

— que todas sejam aráutos da paz verdadeira que em almas femininas é sempre filão bemdito que rende e rende em bens multiplicados: que ela, a mulher, é que deve ser, na intenção do Senhor, o anjo brando da Paz.

— que cada rapariga portuguesa seja portadora na taça do seu coração lavado e branco, do oiro da alegria que mora no Céu e Deus concede «aos puros».

Acorde Portugal inteiro a M. P. F. a cantar alto e a rezar alto, alto, a ladainha da nossa irmã a Alegria — e que cada coração português responda e, juntos, vão em éco a correr as sete partidas do mundo: onde haja sangue de guerras e ódios de homens e pragas de invejas e almas duras...

* * *

Canção da Vida... Canção da Alegria: Vida plena: sempre mais alta e sempre mais bela e sempre mais pura...

Em comunhão com a Natureza: com a água dos mares e dos rios; com os passarinhos e os outros animais amigos do homem; com as ervas humildes dos campos e as pedras negras da montanha; com tudo quanto é bom e Deus fez para nós, com a nossa irmã a Terra e o nosso irmão o Céu e com tudo quanto o povoa e o engrinalda...

Viva a Alegria! Viva a Vida!

E na Altura, o Senhor respondeu:

Viva a Alegria!

G. A.

A primeira lição...

CURSO DE INSTRUTORAS DE EDUCAÇÃO FISICA DA M. P. F.

ENTRE as actividades de M. P. F. tem um dos lugares de relêvo a Educação Física, visto que um dos seus fins é o "desenvolvimento de capacidade física„ da juventude feminina.

Para realizar êste objectivo, precisa a Organização de técnicas profissionalmente competentes e moralmente integradas no espírito superior que anima a Obra.

Para a formação destas abriu o Comissariado Nacional um curso de Instrutoras de Educação Física que funciona no Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho, há dois anos, tendo vindo da Suécia uma Professora formada no Real Instituto de Stockolmo contratada com êste fim.

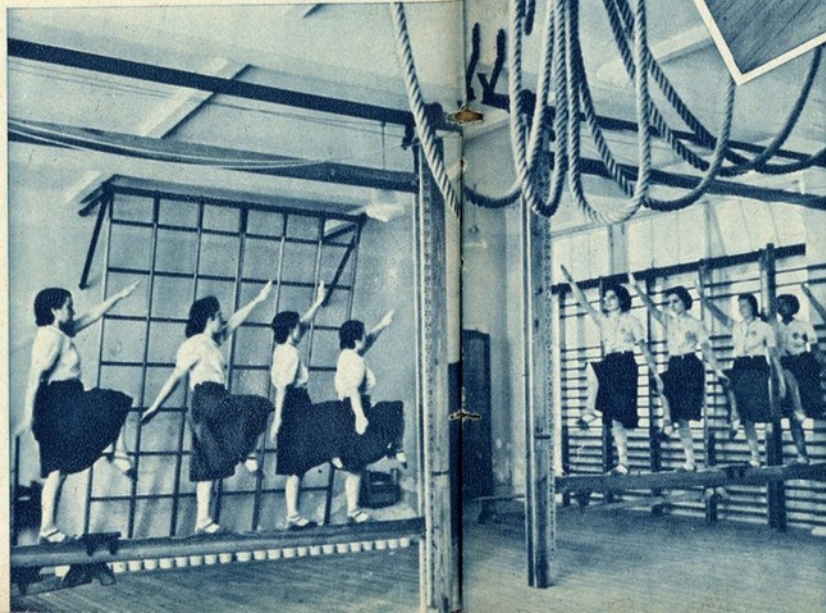
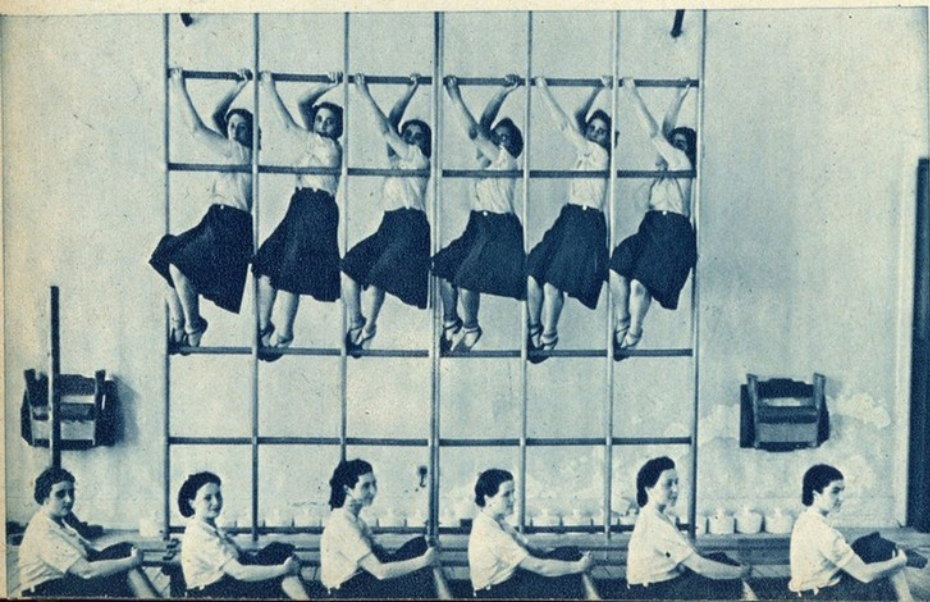
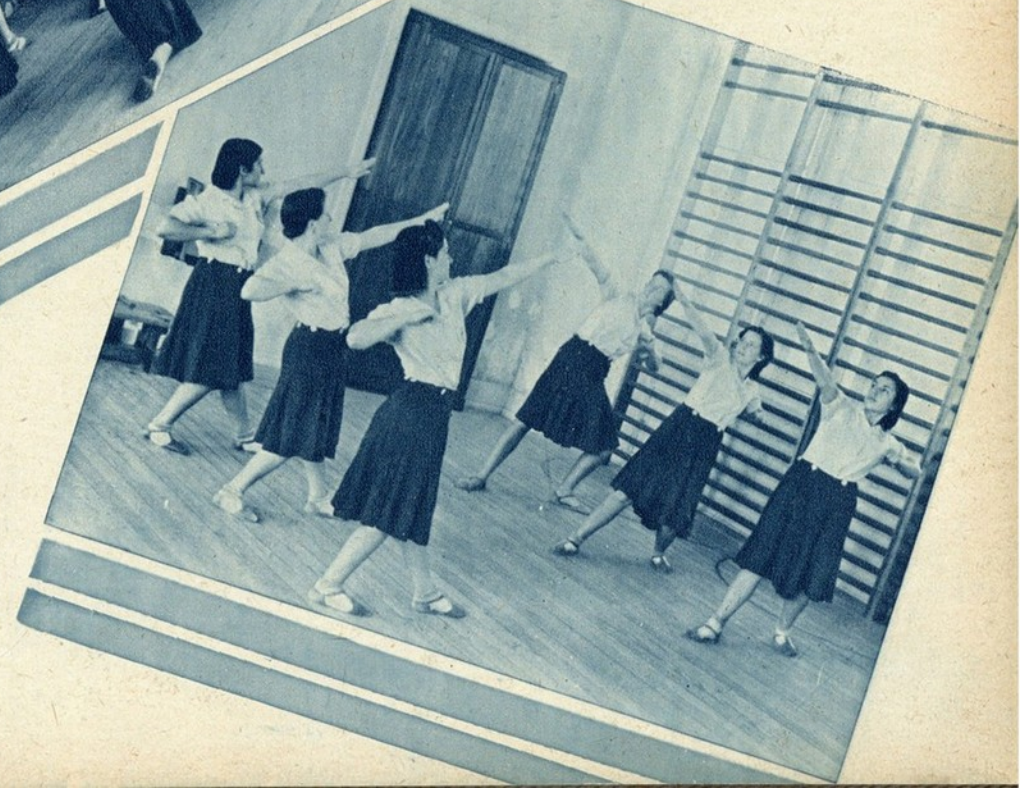
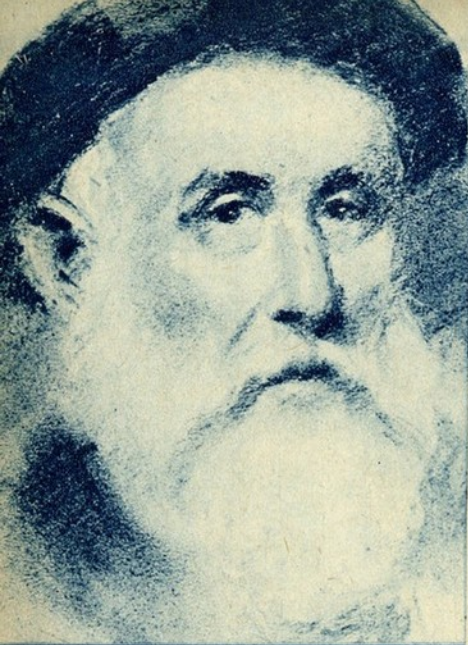
É esta Professora que tem a seu cargo a preparação física pessoal das alunas e a sua preparação profissional e pedagógica.

Êste curso, que pretende dar às candidatas a Instrutoras de Educação Física uma preparação técnica e formação moral de tal forma que elas sirvam, no seu campo especial de acção, os grandes fins espirituais da M. P. F., compreende as seguintes disciplinas:

Formação Moral e Religiosa.
Formação Nacionalista.
Ginástica Prática.
Teoria da Ginástica.
Comando (ou prática de ensino).
Prática e Ensino de Jogos.
Anatomia.
Higiene.

Entre as alunas com o curso completo e aquelas que tem o I ano, dispõe por agora o Comissariado Nacional de 36 Instrutoras de Educação Física.

Entre estas, 14 Instrutoras vieram de todas as Províncias, por escolha das Dirigentes locais, sendo a despesa da sua estadia em Lisboa e deslocação custeada pelo Comissariado Nacional.

E.

A EXPANSÃO DE PORTUGAL NO MUNDO

Vasco da Gama

Afonso d'Albuquerque

MESMO a quem tem dentro do peito êste imenso amor a Portugal que não é orgulho nem suficiência, mas simplesmente amor que chora e ri, e canta, e emudece, e vibra, e grita, e clama, e estua, como ascensão de alma ao infinito, e refôrço de vida a palpitar nos olhos, e, refôrço de nervos pelo trabalho incessante que renova o sangue como o ar que se aspira, — pouco, bem pouco, ficou por dizer sôbre a Expansão portuguesa no mundo, depois do magistral discurso do incomparável Historiador que é o Doutor Gonçalves Cerejeira e Eminentíssimo Senhor Cardial Patriarca de Lisboa, quando da cerimónia do Acto Imperial no Mosteiro dos Jerónimos.

«Sagrado é o chão em que estamos» *principiou a voz suavíssima do nossó Chefe da Igreja. E depois de fazer a descripção do «Bêrço do Mundo Moderno» afirmou*

«A história de Portugal é um capítulo heróico da história do mundo moderno. Não pertence só a Portugal, pertence ao mundo todo, ao homem moderno e a Deus.

Pertence ao mundo todo emquanto foi em virtude do esfôrço genial dos portugueses que todo êle nasceu para a história. Já Camões disse que demos novos mundos ao mundo. A civilização humana tomou então carácter mundial. Nações velhas acordaram do sono milenário e outras novas surgiram baptisadas pela mão sagrada dos missionários. E entre todas é grato ao coração português recordar a formação maravilhosa do Brasil a grande nação americana que é já ao mesmo tempo esperança e glória do Mundo e da Igreja».

Alguns minutos depois a mais completa erudição do ilustre Prelado posta ao serviço da Verdade e da Justiça Divina, defeniria genialmente as sublimes características da obra civilisadora da Pátria: Heróica, Universalista e Católica.

Perante a formosíssima lição de História o silêncio tornou-se ainda mais religioso, e, uma visão magnífica dominou todos os ouvintes: o Signo da Cruz conduzindo os vultos de navegadores, mártires e viajantes notáveis perpassando nos cenários gloriosos das terras a que o levaram...

. . . .

D. João I e os Infantes em Ceuta, o Infante D. Fernando em Fez, D. Afonso V e o príncipe D. João, mais tarde D. João II, em Arzila, João Gonçalves Zarco, Bartolomeu Perestrelo e Tristão Vaz Teixeira na Ilha de Porto Santo e Madeira, Gonçalo Velho Cabral nos Baixos das Formigas antes de chegar penosamente aos Açôres, Gil Eanes no Cabo Bojador, João Fernandes no País dos Azenegues, Pedro de Cintra no Cabo da Verga, Álvaro Fernandes no Rio Tabite, Nuno Tristão morto pelos indígenas no Rio do seu nome, Afonso Gonçalves Baldaia na Angra dos Ruivos e no rio do Ouro, Antão Gonçalves nos cabos Branco e Cavaleiro, Gonçalo de Cintra no Cabo das três pontas, Lançarote nas ilhas das Garças, de Nar e de Tider, Diniz Fernandes em Cabo Verde e no Senegal, Vicente (de Lagos) no Rio Gambia, Antonieto de Nole e Luís de Cademosto no Cabo Vermelho, Estevão da Gama no Mar Vermelho, Álvaro Fernandes no Cabo dos Mastros, na Serra Leôa, Infante D. Fernando (filho del-rei D. Duarte) em Casa Branca ou Anafé, Lopo Gonçalves no Rio Gabão, Rui de Sequeira no Cabo de Santa Catarina, Diogo Cão no Zaire e Cabo Negro, Diogo da Azambuja em Safim, Pedro d'Évora no Tucurol, Bartolomeu Dias no Cabo da Bôa Esperança, João Afonso d'Aveiro na Costa dos Escravos, Vasco da Gama em Moçambique e nas Ilhas de Fogo, Pedro Álvares Cabral em terras de Santa Cruz, Gaspar Côrte Real na América, Miguel e Vasco Côrte Real na Terra Nova, Afonso de Albuquerque em Coulam e Gôa, D. Francisco de Almeida em Paname e Chaúl, Nuno da Cunha na China, Tristão da Cunha na India, Lourenço Marques na sua Baía António de Abreu, Francisco Serrão e Simão Afonso nas ilhas de Banda da Oceania, D. Constantino de Bragança em Damão, Duarte Coelho na Conchinchina, Tomé Pires em Nanquim, Fernão Peres de Andrade na Ilha Tamou, Jorge Mascarenhas nas Ilhas Lequias da Ásia, Belchior de Sousa Tavares em Baçora, os companheiros de Fernão de Magalhãis em Timor, todos os do estabelecimento em Macau, Fernão Mendes Pinto, António da Mota Francisco e Diogo Zeimoto, Cristóvão Borralho e António Peixoto no Japão, P.e Gonçalo da Silveira em Inhambane e Quelimane, P.e Bento Goes à descoberta do Gran Cataio, Beato João de Brito...

E tantos mais... que nos toma o receio de que alguém imagine que fantasiamos.

. . . .

A expansão portuguesa no mundo seria de molde a deixar confusos os outros povos, se todos a conhecessem devidamente. Mas se a esqueceram alguns, ignoram-na quási totalmente outros.

Portugal não poude colonizar, não poude manter, não poude defender (sobretudo durante a dominação filipina), os territórios que com a graça de Deus logrou alcançar. É um facto. Porque era pequeno para avassalar todas as partes do mundo?

A qualquer grande nação aconteceria o mesmo, fôssem quais fôssem as ilusões doiradas do momento da Descoberta ou da Ocupação. Portugal missionário, civilisador, cristão, é ainda hoje o grande património espiritual da humanidade.

Foi no seu coração que depois de falar, Jesus poisou os lábios para beijar o mundo.

O ENCANTO DA AGUA

É linda a Terra com os seus prados verdes e floridos e com as suas florestas trepando pelas montanhas.

Mas, se a água deixasse de cair do céu, se secassem as fontes, se os leitos dos rios passassem a ser caminhos de pedras e os mares areais sem fim, embora — o que seria impossível — os prados continuassem a ter flores e as montanhas florestas, a Terra perderia a sua maior formosura!

O encanto da água! As fotografias que ilustram estas páginas revelam-no melhor do que as minhas pobres palavras o poderiam fazer.

O encanto do mar! Imensidade azul em que os nossos olhos se extasiam e em que a nossa alma, perdida no infinito, encontra Deus!

Como é belo o mar quando em ondas altaneiras se vem quebrar sôbre as rochas, cobrindo-as de espuma! E como é belo o mar quando à noite, adormecido, a lua o vem beijar!

O encanto dos rios! Águas tranqüilas em que se espelham as árvores das margens... Águas que valem mais do que se fôssem oiro a correr, porque são uma bênção de Deus sôbre a terra que dá pão!

Águas que nos açudes cantam e se enfeitam com folhos de renda e depois, modestasinhas, seguem o seu destino, silenciosas e úteis...

Águas que os barcos sulcam lançando as suas rêdes e onde, terminada a faina do dia, os barcos descansam tranqüilos, porque a água dos rios é como as amizades seguras, às quais o nosso coração se abandona sem cuidados!

O encanto da água! A delícia da água! Não é verdade que sentimos inveja pelos bandos de patos que nos ribeiros que atravessam as aldeias se criam em liberdade e pelos cisnes que nos lagos dos parques deslisam com uma graça incomparável?

Muitas filiadas da «Mocidade» passarão as suas férias junto ao mar e, essas, sentirão bem o encanto da água!

Tomar banho, nadar, chapinhar na água, é tão agradável! A simples contemplação do mar nos deleita.

Mas a vida da praia pode ter os seus inconvenientes. Não é o mar que tem a culpa... A culpa é daqueles que têm introduzido nas praias a imoralidade de certos costumes.

Raparigas da «Mocidade»!

Usai o vosso fato de banho!

É êsse, e não outro, o que deveis vestir. Os maillots *ou os fatos de banho excessivamente decotados e curtos, de fazendas leves e de côres muito claras, são vos proibidos pela moral cristã e a vossa própria dignidade de raparigas sérias vos impede de os usar.*

Dai bom exemplo e exercei a vossa influência sôbre as vossas companheiras, não praticando, vós mesmas, nada que possa ser censurado, nem transigindo com o mal dos outros — o que seria tornar-vos cumplices dêsse mal.

MARIA JOANA MENDES LEAL

BRIANDA

(CONCLUSÃO)

DUARTE — Ouve-me, pequena, tu sabes que eu adoro Brites Maria com verdadeira paixão?

BRIANDA *(enternecida)* — Sei, senhor D. Duarte. Mas... Não tendes nenhum outro amor? Não amais com certesa a linda Catarina, com o seu cabelo louro e basto?

DUARTE — *Só* penso em Brites Maria; só a ela quero! *Só* ela eu amo! Como é triste que seja engeitada, coitadinha... Mas adoro-a na mesma. Que culpa tem ela? E desde que a conheço, Brianda, ela tamanina e eu um petiz, que nos amamos quási sem o saber.

BRIANDA — E podereis desposá-la? Os vossos pais consentirão em tal? E vossa irmã aceitá-la-à como sendo da sua egualha?...

DUARTE *(triste)* — Não sei, Brianda... Prometeu-me minha irmã Inez tentar saber a origem de Catarina e a de Brites Maria. E não parecem elas verdadeiras fidalgas? Tão lindas, ambas, tão bem educadas... Mas os anos vão passando e ainda nada se descobriu...

BRIANDA — Ficarieis impressionado se tivesseis ouvido a xácara do cèguinho... E olhai que pedi à tia Bernarda para me trazer aqui o velho das barbas: eu sinto que aquele homem...

DUARTE — Julgais deveras que êsse velho poderá ser... Como tudo isto é misterioso!

BRIANDA — Se vísseis a pobresinha quando êle passou por êste largo, naquela manhã... Parecia louca, coitadinha! E por pouco não desmaiava nos meus braços!... Nunca mais, em três anos, eu consegui enxergá-lo! Como era vèlhinho pensei que talvez morresse... Mas agora que ouvi a xácara, a dizer dum velho escudeiro que chora noite e dia a menina que roubaram... Lembro-me que seja o mesmo velho de quem fala a Tia Bernarda.

DUARTE — *(Entra Bernarda, amparando Barnabé)*. E eu também penso naquela prima de D. Joaquim a quem roubaram a filha há tantos anos...

BERNARDA *(ao velho)* — Andai lá, andai lá, que talvez seja achada a vossa menina! O pior é que já lá vão anos e mais anos e então...

BRIANDA *(a Duarte, baixo, pondo as mãos)* — É êle, pela certa!

BARNABÉ *(voz fraca)* — Eu... conheço a minha menina entre mil... Roubaram-m'a...

BERNARDA *(ajudando-o a sentar no banco da porta)* — Briandinha, aqui tendes o Barbudo; aqui o deixo que são horas de recolher ao meu casebre: parece que andam barulhos no ar... *(baixo)* e a ronda não larga a minha rua... *(sai)*.

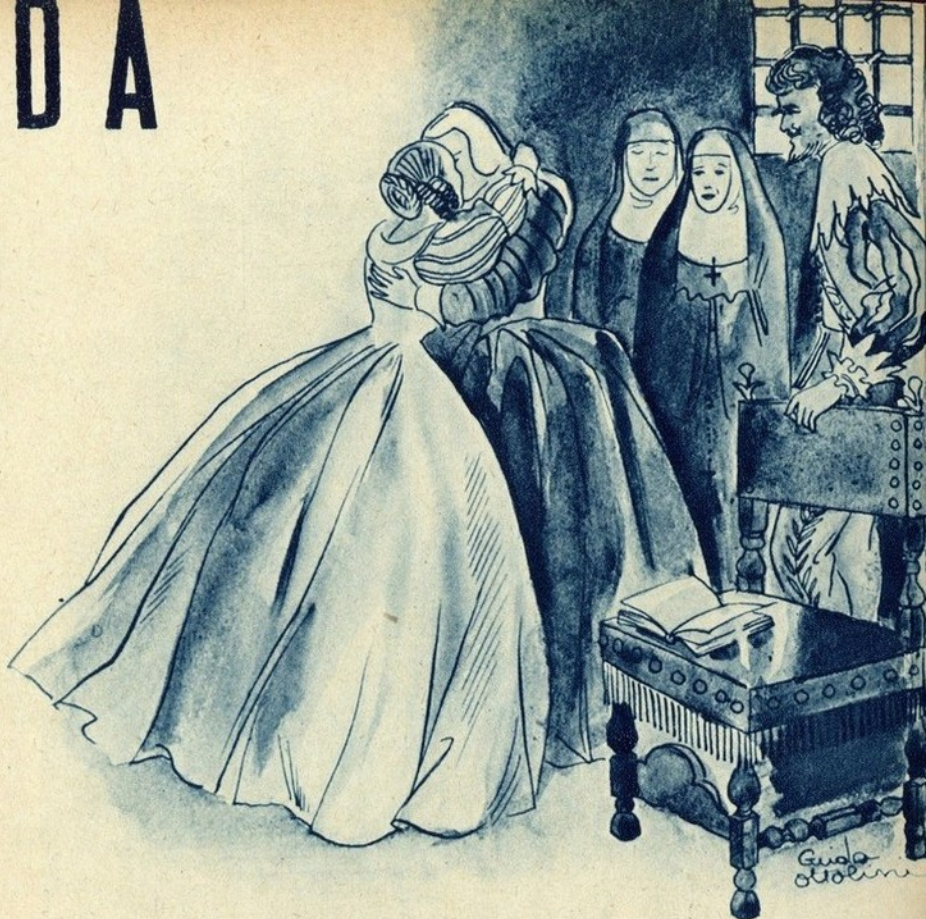
DUARTE *(impetuosamente, chegando-se a Barnabé)* — Como era a vossa menina? Quando a roubaram? Chamava-se Catarina? Onde é que isso se deu? Há quantos anos? *(Barnabé olha-o em silêncio)*. E vós, como vos chamais?

BRIANDA *(pegando-lhe na mão)* — Sossegai, Tiosinho, e dizei-nos como ela se chamava.

BARNABÉ *(olhando-os a ambos e abanando a cabeça)* — Catarina? Catarina? *(fica a cismar um momento)* — Não sois vós, mocinha, não sois vós!... Deixai-me em paz: nada tendes comigo e eu nada tenho convosco *(levanta-se)*.

DUARTE *(triste)* — Brianda, porque pensaste que era êste o velho de Brites Maria?!...

BARNABÉ *(tentando erguer-se)* — Quem falou aqui em Brites Maria? Onde está ela, a minha adorada menina? Brites Maria! Brites Maria! *(Barnabé cai no banco, a chorar... Duarte e Brianda amparam-no. Enquanto devagarinho,*

CAI O PANO

IV QUADRO

(No dia 1.º de Dezembro de 1640. Uma sala no Convento da Visitação. D. Maria Brites está sentada a lêr um livro de horas. Janelas de grades sôbre a rua. É manhã. Ouve-se o órgão e um canto religioso de vozes femininas. Acaba o canto. Entra uma Freira).

A FREIRA — Senhora D. Maria Brites, estão ali umas pessoas que desejam falar-lhe.

D. MARIA BRITES *(admirada)* — A mim, minha Irmã? É de-certo um engano. Quem são essas pessoas?

A FREIRA — Vem o vosso primo D. Joaquim também. São duas moças, a mãi de uma delas e um velho muito alto, de longas barbas brancas, vestido pobremente...

D. MARIA BRITES *(excitada)* — Barnabé? O meu velho escudeiro? *(levanta-se)*. Então é porque me traz, enfim, a minha filha adorada! Chamai-o, minha Irmã, chamai-o, visto que Deus me deu fôrças para viver até êste dia! *(Entram Freiras; a senhora Mafalda e Brianda amparando Barnabé, e Brites Maria. Param no limiar da porta. D. Joaquim segue-as)*.

BARNABÉ *(trémulo)* — Minha ama... Minha senhora... Já posso morrer descansado! *(D. Maria Brites abre os braços e Brites Maria corre para ela, num alvorôço. Brianda e Mafalda amparam o velho)*.

BRITES MARIA *(chorando)* — Enfim, enfim, minha adorada Mãi! *(Abraçam-se, chorando. Ouve-se rumor nas ruas, cada vez mais forte, vivas, gritos e passa uma música tocando o Hino da Restauração.*

D. MARIA BRITES *(contemplando a filha)* — Como és linda, como és formosa!

BRIANDA *(beijando a mão de D. Maria Brites)* — E como ela é boa, minha senhora! Educada como verdadeira fidalga! *(Os vivas aumentam, o barulho é enorme. (Brianda escuta)*. Ouvis êstes brados? São os gritos da Liberdade de Portugal! *(Brianda reza de mãos postas, olhos no Céu, radiante)*.

Trôa o canhão.

MAFALDA *(assustada)* — E por onde andará o meu homem! Senhor Jesús!

BRIANDA *(com entusiasmo)* — Sossegai vosso coração, minha Mãi, que o meu Pai está com os Restauradores da nossa Pátria!

AS FREIRAS *(assustadas)* — Como? O que há, menina? Que brados são êstes que se ouvem? *(trôa o canhão do Castelo)*.

BRIANDA *(com devoção e intensidade)* — Portugal é restaurado! Viva El-Rei D. João IV! *(Repicam os sinos)*.

DUARTE *(entra)* — Perdoai, minhas Irmãs, o meu atrevimento: mas, nesta manhã de ventura para a nossa Pátria e para todos, quís vir, também eu... *(olhando Brites Maria, abraçada à Mãi)*.

UMA FREIRA *(escandalisada)* — Não é costume entrarem homens novos da portaria para dentro, senhor; peço-vos que vos retireis.

D. JOAQUIM *(contente)* — Duarte, abraça-me!

DUARTE *(abraça-o, radiante, com entusiasmo)* — Perdoai, minhas Irmãs, mas no dia de hoje *tudo* é extranho! Uma Mãi que torna a vêr a filha perdida, uma Pátria que renasce depois de 60 anos de captiveiro: tanta felicidade merece bem que me deixeis entrar aqui! *(As Freiras vão às grades espreitar a rua)*.

D. MARIA BRITES *(admirada)* — Quem é, minha filha? E o que se passa?! Que clamores são êstes que oiço nas ruas? E toadas? E vivas! E repique alegre de sinos?! *(Escutam todos)*.

BRITES MARIA *(com orgulho e entusiasmo)* — Querida Mãi, Portugal tem o seu Rei! E êste é D. Duarte de Menezes, o meu noivo! *(Dá a mão a Duarte. Duarte beija a mão de D. Maria Brites com respeito. Os vivas continuam e as músicas, e o repique dos sinos, enquanto*

CAI O PANO.)

GOSTO DA VIDA!

Gosto da vida nas manhãs de Abril
Quando abrem as rosas com vigor
E a natureza tem o dom subtil
O encantamento de afastar a dor...

Adoro a vida quando a natureza
Tem gestos d'oiro p'ra chamar o sol
E a Terra é uma fogueira acesa
E se volta p'rá luz o girasol...

Adoro a Vida quando o Pão levanta
Numa seara o seu poder doirado
E um manto verde envolve a terra santa
P'lo sangue das papoulas já manchado...

Adoro a Vida quando os pinheirais
Se abrazam c'o fulgor do sol poente
E na sombra se afundam os casais
E o dia morre silenciosamente.

Adoro a vida quando o mato é quente
E o brilho do sol, mesmo ao findar,
Deixou na Terra um calor latente
E acordou os ralos p'ra cantar...

MARIA DA GRAÇA

PÁGINA DAS LUSITAS

ERA UMA VEZ...
FRANCISCO BARROSO
O RAPAZ GULOSO

A festejar o entrudo
Tinha a mãi do rapazito
Mandado arranjar tudo
Para um baile bonito

Havia bolos de nata
Bolachas e rebuçados
E guardados numa lata
Doces d'ovos... embrulhados.

«Não mexas aqui, Francisco»
Foi a mãi recomendar
Quando viu sôbre o petisco
Os olhos dêle brilhar.

A mãi saíu de mansinho
Mas a porta não fechou...
Francisco devagarinho,
Para os bolinhos olhou:

Que trouxas apetitosas
Cada uma em sua caixinha!
Grandes dentadas gulosas
Logo deu numa trouxinha.

Mas que horror! Que sucedeu?
Ardentes lágrimas saem
Dos seus olhos! E os doces,
Da bôca aberta lhe caem!

P'ra castigo d'alguns tôlos
Tinha a mãi (por ser entrudo)
Reservado aqueles bolos:
De pimenta enchera tudo!

CHARADAS

Creou um bèbé - 2 -
Com nome de menina - 2 -
Na Porcalhota!

Olhei - 1 -
A fruta em cacho - 2 -
E sem marido me acho...

ADIVINHAS

Não sou planta e tenho fôlhas
Posso ser grande ou pequeno
Gordo ou magro posso ser:
Fazer bem... ou ser veneno!

Cautela, gente miúda,
Escolham-me com cuidado,
Pois em mim poderão ter
Um amigo dedicado.

Tenho capa tenho fôlhas
Ou pequeno ou calhamaço,
Tenho letras e letrinhas
E não ocupo grande espaço.

CONCURSO DA HISTÓRIA PÁTRIA

Já reüniu o Jury para deliberar sôbre as respostas recebidas: poucas, como *quantidade*, mas tôdas interessantes como *qualidade*. O Jury, composto de personalidades versadas em História e Literatura, viu-se em sério embaraço para escolher, entre as 8 concorrentes, de 7, 8, 10, 11 e 13 anos, a primeira. Pois todas, sem excepção, responderam de maneira inteligente. Resolveu-se, em vista disso, distribuir um prémio a cada uma das concorrentes.

Na publicação das respostas, feita na página exterior do número de Julho, houve uma troca de nomes que vamos rectificar já, pedindo as maiores desculpas às concorrentes:

A 2.ª carta, não pertence à menina Maria Antonieta Sacadura de Coimbra; mas sim à menina Maria Joana de Mendoça Folque, de Lisboa.

E a 6.ª carta, que tem o nome desta última, à menina Maria Antonieta Sacadura.

Pede-se à Lusita Maria Leonor Couceiro da Costa para mandar a sua morada à sêde dêste jornal a-fim-de receber o seu prémio.

Correspondência

queridas LUSITAS

Digam-me com tôda a franqueza (pois eu preciso de saber quais são as vossas preferências e os vossos gostos) de que história gostaram mais na Página das Lusitas, desde que o jornal começou. Escrevam-me directamente para a morada seguinte:

R. de Buenos Ayres, 8-Lisboa

E para facilitar a vossa escolha, aqui vai a lista dos nomes de todas as histórias já publicadas:

A Felicidade de Quim
Memórias dum Lulu Branco
A Menina Insatisfeita
As Diabruras de Joaquina Rabina
O Pôço sem Fundo
Ludovina e o seu Mal
As Quintas-feiras da Tia Patrocínio
António Maria, o Orgulhoso
O Sonho de Maria Emília
Ana Maria, a Corcundinha
Luís Cebolão, o Fanfarrão
As Tagarelices da Sr.ª Maria
O Sorriso de Jesus
As Lusitas e a História Pátria
As Ideias de Maria Francisca
Maria José Ermida a Menina Presumida
Aventuras de Rosa Teimosa
Francisco Barroso o Rapaz Guloso

A Lusita nunca deve:

- *deixar de aprender todos os dias uma coisa nova: serão 360 coisas novas ao fim dum ano.*
- *dizer mentiras, mesmo que lhe pareçam sem importância.*
- *esquecer o velho provérbio alentejano:*
  «Quem se acostuma a mentir
  «Sua vergonha não sente;
  «Mesmo que fale verdade
  «Todos lhe dizem: Mente!»
- *deixar de oferecer o seu lugar na igreja a quem esteja em pé, sobretudo sendo uma senhora de idade.*
- *deixar o seu quarto desarrumado e as suas coisas fóra do seu logar.*
- *responder com impertinência às observações que lhe fazem.*

por MARIA PAULA DE AZEVEDO

AVENTURAS DE ROSA TEIMOSA

Contudo um grande desapontamento esperava, em Nova York, a pobre Rosa. Encostada à amurada e os caracóes loiros saindo-lhe da boina branca que uma senhora lha dera a bordo, Rosa gosava o espectáculo maravilhoso daquele porto lindíssimo, à entrada do qual se erguia, colossal, a célebre estátua da Liberdade. E os seus olhos não se saciavam de olhar e admirar...

Atracado, enfim, ao caes, o enorme vapor estava parado e começava o desembarque dos inúmeros passageiros. Era como o desenrolar dum filme, aquele desfile interminável de pessoas, novas, velhas, altas, baixas, gôrdas, magras... Rosa estava tão divertida que nem ouvia, a seu lado, as vozes rudes dos seus amigos, os pescadores do «Santa de la Mar» a despedir-se dela:

— Adioz, chiquilla! Buena suerte, niña! Rosita, Adeus!

— Mas eu quero mandar-lhes uma lembrança de Lisboa — declarou Rosa pondo as suas mãos pequeninas nas mãos calosas que a tinham salvo. — Para onde hei-de mandar Ben? — preguntou.

— O mais simples é para o consulado português em Cadiz, e nós aceitamos — acrescentou — porque queremos ter a certeza de que a nossa Rosita está outra vez em casa!

Rosa ficou só, a vêr desfilar os passageiros. Passadas muitas horas chegou-se a ela o comandante e disse:

— Não está ninguém para a buscar, Miss Rose! Não percebo! Telefonei para o consulado e dizem de lá que o consul está fóra, no Estado de Massachussets...

— E eu para onde vou? — preguntou Rosa, com um tremor na voz.

— Não se aflija, Rosita darling — respondeu o comandante, abraçando-a. — Eu vou levá-la a um Colégio de meninas onde estão as minhas duas pequenas e ali fica até se conseguir comunicar com os seus pais. Verá que até gosta de lá estar, e eu mesmo é que a levo àmanhã de manhã.

Rosa ficou calada. Tôda a noite esteve acordada a pensar... Quantas conseqüências tinha tido a sua caprichosa teimosia... Pensava, agora, no que devia ser o enorme desgôsto dos seus bons pais, das criadas que tanto a estimavam, da Jùjú sua companheira de estudos e brincadeiras... Parecia-lhe que havia anos, muitos anos, que fôra à feira do Campo Grande e fugira ao chamamento da boa Joaquina para correr atrás de Omar...

E, de-facto, havia já perto de cinco meses que Rosa saíra da casa.

Muito alta e forte, já com onze anos, Rosa, naqueles cinco meses mercê dos grandes acontecimentos por que passara, parecia ter já quinze anos; e um ar grave substituira nela a despreocupação que antes brilhava nos seus olhos risonhos.

Quando entrou no enorme Colégio ao lado do Comandante, depois duma noite passada na sua esplendida casa de Broadway, 20.° andar dum prédio que parecia tocar no céu, Rosa sentiu-se tão pequena... Jardins cheios de relvados e árvores lindas estendiam-se até perder de vista; e em volta da casa, verdadeiro palácio coroado de terraços floridos, via-se uma multidão de crianças de todas as idades.

Os hábitos brancos de Irmãs Dominicanas deslisavam entre a pequenada e, à medida que o Comandante avançava com Rosa, duas Irmãs aproximaram-se a passos rápidos.

— Onde estão as suas filhas, Comandante? — murmurou Rosa, apertando a mão do Comandante.

— Vou já mandá-las vir, Rosita — respondeu êle, paternalmente.

* * *

Marjorie e Bella eram os nomes das duas filhas do Comandante Hardy; e logo Rosa se sentiu atraída pela gentileza de Marjorie, que, já com 15 anos, breve se tornou a sua protectora entre o rancho buliçoso de centenas de raparigas.

E como Rosa falava perfeitamente o inglês, entendiam-se muito bem.

Bella, apesar-de seu nome, não era bonita nem simpática... Branca de pele e com os cabelos ruivos muito encrespados, tinha um feitio ciumento e maldoso que logo se revelou no primeiro contacto com Rosa.

De dois anos mais nova do que a irmã, era precisa tôda a autoridade sensata de Marjorie para impedir as manifestações de feia inveja de que Rosa era sempre a vítima.

— Falas de teus pais e da tua casa, sim, mas nunca aparece ninguém para te visitar; e se não fôsse o meu Pai nem dinheiro tinhas para cá estar... — dizia Bella muitas vezes, depois de passarem semanas sôbre a chegada de Rosa ao Colégio.

Uma onda de sangue subia sempre à cabeça da Rosa; mas limitava-se a encolher os ombros ou a responder:

— Um dia vêm-me buscar, e não levo saudades tuas, Bella!

Mas com a Marjorie e com a boa Irmã Patrícia, a professora principal, a pobre Rosa desabafava o seu desânimo e o seu desapontamento...

— O Pai partiu para outra viagem, Rosy — disse-lhe Marjorie naquela manhã — e por isso não voltou cá. Mas há razões que explicam esta demora, sabes?

Rosa murmurava, tristemente:

— Não tenho notícias, não tenho dinheiro, não conheço ninguém...

Marjorie abraçou-a ternamente e confirmou:

— O consul da tua terra adoeceu em Massachussets e só vem daqui a um mês, Rosy. E o telegrama que mandaram do consulado a preguntar pelo teu pai em Lisboa teve uma resposta...

— Qual? — gritou Rosa, ansiosa.

Marjorie respondeu, baixinho:

— A casa de Lisboa está fechada e os teus pais foram para os Açores; está-se à espera da morada dêles.

Rosa encostou-se ao ombro da Marjorie e chorou copiosamente.

A Irmã Patrícia interveiu:

— Vamos à capela, Rosy; vamos pedir à Virgem para tu voltares breve para casa.

Nessa tarde, porém, um novo acontecimento veiu surpreender Rosa, incutindo-lhe algum ânimo.

(Continua no próximo número)

O LAR

COSINHA

Em tôda a casa deve reinar o maior asseio, mas, especialmente na cosinha, devemos esmerar-nos porque tudo esteja bem limpo e a rebrilhar! Além de ser bonito, êste asseio é indispensável por um motivo de higiene, visto ser na cosinha que se preparam os alimentos.

A cosinha deve ser clara, com largas janelas por onde entre a luz e o ar.

A cosinha não deve estar atravancada com móveis inúteis. Do mobiliário da cosinha deve constar: Um grande armário para arrumar as louças e tudo o mais que é preciso para o serviço; um outro armário, pequeno, com rêde, para guardar as carnes, etc.; Uma mesa para preparar os alimentos, com tampo de mármore; podendo ter alguns bancos; um lavatório; lavadores, que poderão ser substituidos por simples alguidares, — são o necessário.

Nas paredes fixam-se umas tábuas estreitas, com escápulas, onde os utensílios se penduram. Para estes não tocarem na parede, pregam-se nessas tábuas umas tiras de pau, que se podem fazer enfeitadas, para ficarem mais bonitas. Também há quem use colocar os utensílios sôbre prateleiras. Pouco importa; o que é necessário é que todos os utensílios tenham o seu lugar e estejam em ordem.

Em geral, cosinhas modernas teem o chão em ladrilhos e são forradas de azulejos, para se lavarem com facilidade.

Mas, mesmo que assim não seja, com cuidado e trabalho a cosinha pode conservar-se um *brinquinho.*

É ver as cosinhas do Alentejo, até as das casas mais pobres! Podem servir de modêlo. Tôda a mulher tem em casa um balde com cal e ela própria caia as paredes quando aparecem manchadas, sobretudo junto da chaminé. Os móveis são esfregados tôdas as semanas e as cantareiras e os escaparetes parecem um altar!

Para uma cosinha se poder conservar limpa, sem excessivo trabalho, é preciso evitar sujá-la: não atirar para o chão com cascas de batatas ou de legumes; não salpicar o chão e as paredes quando se lave a louça; não colocar os tachos em cima das mesas sem lhes pôr alguma coisa por baixo; não deixar cair carvão no chão e andar depois a pisá-lo; limpar os pés quando se vem do quintal; não sendo a mesa em que se preparam os alimentos forrada de mármore, colocar sôbre ela um oleado ou um pano que a proteja; evitar as nódoas de azeite, etc.

A cosinheira também não tem desculpa para se desleixar andando suja. Deve usar um grande avental e, quando faz serviços mais grosseiros, como seja lavar a louça, limpar o fogão, etc. deve proteger êsse avental com outro mais velho ou com um pano.

Os móveis da cosinha são mais bonitos pintados com *ripolin;* mas os de madeira ao natural, se andarem bem lavados, também não ficam mal.

A cosinha deve ser limpa todos os dias e tôdas as semanas deve fazer-se uma limpeza geral.

Umas cortinas de riscado, umas flores, contribuirão para dar graça à cosinha, sem muito trabalho nem despeza.

É claro que a cosinha deve ser muito simples: ficariam lá absolutamente deslocados os *biblots,* quadros, etc.

Ordem, asseio, simplicidade e utilidade são o *luxo* da cosinha.

Trabalhos de Mãos

VESTIDINHO DE CRIANÇA

A barra em ponto de cruz que enfeita êste vestido é bordada em vários tons.

Os vasos são em azul; os troncos em verde, as flores em 2 tons de encarnado e os pássaros em 2 tons de amarelo.

Esta barra poderá também servir para uma toalha de chá, um pano, etc.

EM SAGRES...

De uma filiada da M. P. F. que assistiu à Bênção do Mar e glorificação do Infante.

Sagres! Uma epopeia! O Infante revive! Ergue-se do túmulo e estende os braços numa bênção sôbre o mar.

Mar! Anseio dos portugueses! Foram êles, fomos nós, que demos mundos ao mundo, dilatámos a Fé e o Império,

Império! Tão vasto, tão grande, tão poderoso!

A descobrir, a colonizar, a evangelizar, quantas vidas êle nos custou!...

A descobrir: frágeis caravelas, pequenos batéis, não temem o Adamastor, desafiam-no. Tam sumários, tam inferiores, só a fé e a vontade dos portugueses os levaria tão longe.

Gil Eanes traz rosas! Rosas do Além misterioso!

Bendito seja Deus!

Para o Infante vieram as rosas de fé e de esperança dum novo mundo.

E os portugueses venceram, vencerão...

A colonizar: quantos reveses, quantas batalhas, quantas vidas se perderam.

Os portugueses, quanto mais sofriam, mais desejo tinham de triunfar, de mostrar aos povos incultos o esplendor de uma civilização mais adiantada, de uma civilização cuja moral se baseia no conhecimento dum Deus justo, Omnipotente e Criador. Era êste o seu, o nosso sonho.

E os portugueses venceram, vencerão...

A evangelizar: maravilhosa, milagrosa obra!

É bem certo: se a religião cristã não fôsse, como disse o Messias, «O Caminho, a Verdade e a Vida», como se teria espalhado nêsses povos bárbaros, nessa massa bruta?

Os Missionários: quão admirável obra foi a sua em terras do Oriente, em terras do Brasil! São Francisco Xavier, Padre António Vieira, duas vidas de sacrifício em prol da Santa causa.

E os portugueses venceram, vencerão...

Tudo isto recordei em Sagres.

Na bênção do mar, vi o Infante a olhá-lo com amor e a cismar na sua obra, tão grande, tão vasta, tão poderosa.

Mocidade Portuguesa! É preciso que desde o norte até ao sul, todas nós, nos esforcemos por vencer, como os nossos maiores, como todos os bons portugueses.

Portugal foi grande, vitorioso e independente!

Portugal é grande, vitorioso e independente.

É preciso que nós queiramos que no futuro, Portugal seja grande, vitorioso e independente.

E nós queremos porque temos direito à vida, a uma vida bela, sem mácula.

Sejamos uma Mocidade de «antes quebrar, que torcer».

Quem, como nós, teve tais antepassados, estará pronto a oferecer pela Pátria o seu sangue até à última gota. É êsse o único caminho que Sagres nos aponta.

Nós, a geração do resgate, devemos ser dignas da herança dos portugueses de antanho.

Firmemos em nossos corações os gritos de nossas bocas em Sagres:

«Pela Pátria independente e livre: Lutar! Lutar! Lutar!»

Maria Helena Alves Pôrto Costa
Filiada n.º 10903 — Centro 1 — Ala 1 — Faro

●

Fundação e Restauração

Há pouco menos de oitocentos anos
Um principe valente e esforçado
Tornou independente de Leão
O pequeno Portucale, o seu condado.

Depois de já ser reino poderoso
E ter o nome coberto de glória,
Num momento de fraqueza, foi vencido.
O que enlutou algum tempo a nossa História

Mas essa vergonha, essa miséria,
Essa triste e dura opressão
Terminou por fim quando soou
A feliz hora da Restauração!

Maria Ester Férrer Santos / Vanguardista
Centro 1 — Ala 2 — Estremadura

●

1940! Ano dos Centenários!

Portugal levanta-se, ao alto a Cruz de Cristo, quinas e castelos ondulando ao vento.

Portugal vitorioso! Portugal cristão! Portugal de heróis, de santos!

E tu, rapariga da Mocidade, és descendente de heróis, de homens valentes que alargaram a golpes de espada os seus domínios, que deram novos mundos ao mundo sulcando mares ignotos e procelosos.

Tu, tens que ser digna descendente dêsses teus antepassados; para isso — vence-te, cumpre.

Agora, quando a Europa em fogo parece uma braseira ardente, cumpre até ao fim para seres bem portuguesa.

Agora, que a guerra alastra deixando atrás um rasto de sangue, cumpre bem.

E neste ano dos Centenários, em que Portugal gigante festeja a sua Fundação e a Restauração, conservando-se em paz por Graça de Deus, tu cumpre, sacrifica-te, reza.

E a Paz, bênção de Deus, descerá sôbre os nossos corações, sôbre Portugal, sôbre o Mundo.

TOJO

Salazar e o Estado Novo

Agora que os nossos corações estão em festa devido às comemorações centenárias nas quais se recordam heróis e seus feitos, é a ocasião propícia para lembrar Salazar e o Estado Novo.

Foi Salazar o Salvador de Portugal, o anjo que Deus nos enviou para livrar da deshonra e do desiquilíbrio, tanto financeiro como moral, o país que desde longas eras servia de exemplo ao mundo inteiro.

A obra de Salazar mostra bem a sua rigidez de carácter e o seu espírito lúcido no qual existe o tacto para o govêrno duma Nação.

E foi por isso que nós portugueses lhe depuzemos nas mãos o maior tesouro que possuímos: Portugal, o nosso torrão tão querido, êste recantozinho florido e abençoado por Deus. O Oceano beijando-lhe as costas, o céu da côr de anil, a lua e o sol parecem juntar-se numa comunhão para dar mais realce e beleza ao jardinzinho encantado que se chama Portugal.

E foi Salazar quem trouxe o sossêgo e a felicidade a esta terra outrora constantemente abalada por revoluções e desordens. E hoje os portugueses são talvez os mais felizes habitantes do Universo.

Raparigas portuguesas, vós que vos orgulhais de ostentar ao peito a cruz de Aviz, honrai Portugal na medida das vossas fôrças, sendo boas mãis e boas patriotas e elevando o pensamento a Deus para que nos salve, assim como à nossa querida Pátria.

Salazar subiu ao poder: criou escolas, abriu estradas, construiu hospitais, cuidou dos monumentos nacionais, os padrões imorredoiros dum passado repleto de glória, emfim cuidou do cantinho que para êle, assim como para nós, é tudo na vida.

E se não fôsse a mão de ferro dêsse homem sublime, o que seria hoje Portugal? Talvez uma lembrança vaga dum país cheio de glória que se deixara submergir por um mau govêrno.

Mas assim não aconteceu nem acontecerá porque Portugal existe e existirá eternamente. Viva Salazar! Viva Portugal!

Maria Helena Ferreira Mamede
Escola de João de Barros — Centro 20

RECTIFICAÇÃO

Por lapso, nas respostas ao concurso das «Lusitas» do último número do Boletim, saíram trocadas as assinaturas das Filiadas Maria Joana de Mendoça Folque pela de Maria Antonieta Sacadura, de que pedimos desculpa.

Solução das Charadas e Adivinhas

Amadora — Viúva — Livro